

CABOCLO AMAZÔNICO

DADOS estatísticos gerais da Sinopse do Censo Demográfico de 1940 confirmam que o fundo da população da Região Norte ou Amazônica, é constituído de tipos mestiços (caboclo, moreno, mulato, etc.), oficialmente consignados sob a singela designação de pardos.

Com efeito, os pardos na data do último Recenseamento Geral — 1.º de setembro de 1940 — representam 48% da população total da Amazônia, vindo, em seguida, os brancos com 40% e os pretos com apenas 8%. Os restantes 4% compreendiam pessoas de cor amarela e, também, aquelas cuja cor não foi declarada.

Mais numerosos no Amazonas (60%), os pardos representam 46% no Pará e 30% no Território do Acre. Quanto aos brancos, estes prevaleciam com 54% no Acre, figurando o Pará, em segundo lugar, com 45% e, em terceiro, o Amazonas com 31%. Os pretos obedeciam à mesma última ordem, porém, com porcentagens muito inferiores, respectivamente de 13,10 e 7%.

Tal distribuição está em correspondência com o sentido da penetração, no vale, do elemento branco colonizador, a qual se realizou, como se sabe, linearmente, em direção oposta à da corrente do grande rio. A distribuição também está em relação estreita com as conhecidas providências legais, restritivas, vigentes nos tempos da colonização. Estas, ao lado do estancamento das correntes imigratórias dos brancos, verificado após a primeira metade do século passado, e em consonância com a sempre diminuta presença do elemento negro, na Amazônia, explicam o fato de caboclos, tapuios e mamelucos, haverem resultado quase tão somente, do cruzamento do branco com o indígena. Dêsse modo, esta forte mestiçagem pôde se processar e isenta, por assim dizer, da contribuição perturbadora vinda de outros elementos raciais. Tudo isso proporcionou, então, à Região Norte, a singular situação de possuir, no Brasil, uma sociedade em que a expressão indígena predomina, tanto sob o ponto de vista étnico, como sob o cultural.

Da mestiçagem do branco com o índio resultou o curiboca (às vezes denominado erroneamente, tapuiu) e da do curiboca com o branco, o mameluco. Na linguagem do povo, porém, curiboca e mameluco são englobados na denominação geral de caboclo, palavra que, segundo TEODORO SAMPAIO, vem do tupi cac-boc que significa tirado ou procedente do mato. O vocábulo possui, entretanto, outros significados, inclusive o sentimental, em cujo caso passa a ter a significação de pessoa querida.

Se, na realidade, por um lado, não existe um tipo único de caboclo amazônico, porque, num ou noutro ponto, sempre houve uma predominância de um elemento étnico no caldeamento, por outro, a seleção de tipos humanos característicos somente seria possível estabelecer-se em função dos gêneros de vida e horizontes de trabalho encontrados em áreas geograficamente distintas. Neste último caso, de acordo com um seguro observador — MOACIR PAIXÃO E SILVA — fora das zonas do Baixo Amazonas e do Rio Branco, de onde emergem os tipos bem diferenciados do vaqueiro de Marajó e do vaqueiro dos campos do Rio Branco, e excetuadas, outrossim, as áreas das altas cabeceiras onde se processam a exploração da seringueira e a coleta da castanha, segundo normas de trabalhos peculiares, o que existe é uma vasta zona de comportamento humano unificado. O fato se verifica tanto no Madeira como no Solimões, tanto no Tocantins como no Tapajós ou no rio Negro. E, na opinião do mesmo autor, ("Sobre uma Geografia Social da Amazônia", divulgação do D.E.I.P., Manaus, Amazonas, 1943, p. 61), com a pesca e o pequeno plantio, a coleta florestal, a vida nos postos de lenha, nos jutais, "aí é onde se encontra a Amazônia genuinamente nativa curiosa naquela socialização cujas maneiras são ainda as do bugre manso. É zona de influência da economia do caboclo".

Esse caboclo tem um tipo étnico semelhante ao do índio. Pigmentação epidérmica; a barba diluída; certa obliquidade dos olhos; sobriedade dos gestos. "Só lhe falta, em conclusão dessa semelhança física — ponderou M.P. E SILVA — a extensão e a rapidez dos movimentos, e isso deriva, por certo, da regressão secular que lhe impôs seu mau funcionamento orgânico, decorrente de um mínimo padrão alimentício inegavelmente a maior das forças que condicionam a nossa vida plástica e energética".

Onde quer que atue, e seja qual for a atividade a que se dedique, o caboclo amazônico traduz sempre a influência atávica na região. Antes de tudo é um nômade. Preferencialmente é um coletor, um pescador ou um caçador. Uma vez ou outra, dedica-se à míngua cultura de subsistência, aproveitando ora uma nesga de terra limpa pelo fogo, ora uma certa porção do solo fértil das vazantes. Planta, então, aqui e ali um pouco de milho e de feijão, alguma batata, uns quantos legumes.

Perto da cabana rústica com duas puxadas, de cobertura de palha, soalho e paredes de palmeira paxiúba, um mandiocal e um bananal completam o quadro da moradia. Às vezes, um pequeno cercado próximo abriga algumas tartarugas fluviais.

A moradia se ergue sobre estacas a fim de evitar a invasão das águas nas enchentes ou, finalmente, assenta num pequeno terraço marginal, a regular distância de um barranco tornado íngreme pela erosão do rio. Mata espessa barra os fundos da habitação, enquanto a frente se volta para o curso d'água, a cujo leito se vai ter mediante a descida de alguns degraus cavados sobre o barranco de argila. Em baixo, uma frágil canoa flutua. É a montaria, dentro da qual o arco e as flechas parecem aguardar o momento de sua utilização na pescaria em algum remanso de igarapé.

Sem dúvida, em combinação com os resquícios dos usos e costumes primitivos pautam o caboclo amazônico todas as formas e modos de sua atividade pelas contingências do meio físico, de que o rio e a floresta constituem a maior expressão.

"Com o seu profundo senso de acomodação geográfica, ilustrou M. P. SILVA, o caboclo seleciona a foz dos igarapés, o ângulo das confluências, as margens mais bucólicas para ali levantar sua habitação, fazer vida calma e sem ambições, saqueando o rio para comer, dormindo preguiçosamente quatorze horas por dia, dançando, rezando nas ladainhas e enchendo a sua paisagem familiar de corumins distróicos e analfabetos. Aproveita o rio como linha de transporte e comunicações, serve-se da sua dinâmica de enchentes e vazantes para estabelecer o equilíbrio do plantio e da colheita, para o trabalho da criação e da pesca, da indústria extrativa e das viagens de mercadejamento. Nas regiões inundáveis, a Amazônia originalizou-se por tipos sociais e econômicos que são um reflexo da sua razão fluvial. A maromba, as jangadas, a morada palafita, o flutuante, o banheiro, o gurupapé, representam eles dessa cadeia em que o homem se ajusta gostosamente. Ali as formas de aculturação procedem, quase em totalidade, daquela disciplina que o rio caracteriza".

Em particular, o caboclo quando tapuio, isto é, quando indígena civilizado ou de sangue misturado, no qual, o do indígena prepondera, possui estatura baixa, corpo robusto e uma pele cor de canela ou da de uma usada moeda de cobre. O nariz é chato e largo nas extremidades. Os cabelos são negros, duros e lisos, a frente é curta. Para JOSÉ VERÍSSIMO, a nota dominante do caráter desses tapiuos é uma completa, absoluta, falta de energia e de ação. Todos os seus defeitos disso decorrem e nisso podem resumir-se. Vivem dominados por uma espécie de fatalismo inconsciente, faltando-lhes, ainda, a ambição de tentar sair de um tal estado de coisas. O caráter, entretanto, é bom e os seus instintos, pacíficos.

Já os caboclos mamelucos, possuem caracteres físicos muito mais variados. O verdadeiro mameluco possui estatura mais elevada, pele cor de canela passando por todos os matizes, fronte um tanto baixa, olhos menos oblíquos e mais vivos. Os cabelos embora negros e grossos passam a ondulados, algumas vezes. Os mamelucos formam a parte mais característica da população amazônica e se encontram perfeitamente adaptados ao meio.

Mameluco, curiboca ou tapuio, — não importa o tipo étnico — o fato é que o caboclo amazônico, altamente representativo da Grande Região Norte, é sem dúvida o canoeiro e o mariscador ordinariamente encontrados nas zonas alagadiças de várzea.

JOSÉ VERÍSSIMO DA COSTA PEREIRA.

